

Diversão e compras no início da cidade

Algumas marcas do passado se foram, mas a maioria se firmou na memória dos pioneiros e boa parte continua ainda hoje abastecendo a capital

Taís Rocha

Já houve uma época em que a W3 sul possuía o comércio mais movimentado da cidade, repleto de lojas, bares e inclusive cinemas. Na mesma época em que a Asa Sul era o local com o maior número de lojas do Plano Piloto. Era o fim da década de 60 e início dos anos 70.

A maioria das lojas e marcas eram trazidas de outros estados como a Riachuelo e o Jumbo, entretanto, o comércio local sentiu logo cedo a necessidade de colocar no mercado brasiliense marcas e lojas que fossem a cara da cidade e das novas gerações que aqui começavam a nascer.

Pioneiros

Foi assim que surgiram estabelecimentos como a Pioneira da Borracha (512 sul), Magazin Venâncio 2000, Flores do Planalto (106 sul), a Ótica Veiga (505 sul), Bibabô (508 sul), FOFI (510 sul), Slaviero (505 sul), Casa Nordeste (502 sul), Brasal Veículos (Setor de Indústrias) e as lojas de eletrodomésticos Brasilair (Rua da Igrejinha, 307 sul) e Solomaq (503 sul).

Quanto às diversões no-

turnas, não havia do que reclamar. A cidade, apesar de nova, já no final de sua primeira década de existência, exibia em seu roteiro points como a Churrascaria do Lago (Setor de Hotéis e Turismo Norte), o bar Amarelinho (Setor Comercial), o restaurante Kazebre 13 (504 sul), a boate Stalo (Setor Hoteleiro), as Lanchonetes Chaplin e Food's (ambas na Galeria do Cine Karin na 111 sul), a sorveteria Trianon (302 sul), o bar Pigally (na rua do GTB - Grupo de Trabalho de Brasília, 306/7 sul), o Laert's Bar (305 sul) e a boate Xa-

drezinho (Setor de Clubes).

Os dois principais hotéis da cidade, Brasília Palace (que foi praticamente destruído em um incêndio em 1978) e o Hotel Nacional eram pólos de encontro e diversão. No Brasília Palace, havia a famosa boate do Palace e o Hotel Nacional era conhecido pela sua galeria de lojas sofisticadas como o restaurante Taboo, que existe até hoje, e a Boutique Sinhá Moça.

Opções

Para os estudantes que saíam das aulas na UnB ou

para aqueles que preferiam um programa mais intelectualizado, como lembra Renato Russo na sua música que retrata bem o cotidiano da cidade, "Eduardo sugeriu uma lanchonete, mas a Mônica queria ver o filme do Godard", uma boa pedida era o Cine Brasília (funcionava antigamente na 507 sul, onde atualmente funciona a Secretaria de Solidariedade do DF), o Cine Atlântida (localizado no Setor de Diversões Sul era o maior da cidade) e o Cine Karin (111 sul), que exibiam diariamente filmes nacionais e estrangeiros. Para esse pú-

blico alternativo, depois da sessão do cinema, havia bares como o Beirute e o Arabesque (na 109 sul) e o Gilberto Salaminho (fazendo uma brincadeira com o Gilberto Salomão que era um local mais requintado, se localizava na 404 norte) para bater um papo e tomar uma cervejinha.

Mas se faltasse dinheiro para um programa mais esperto, os jovens faziam como Eduardo e Mônica, se encontravam no Parque da Cidade, iam pedalar de bicicleta e tomar sol na piscina de ondas, um programa tipicamente brasiliense.

Adensamento urbano não desenvolveu economia

Sidrônio Henrique

A coordenadora de política urbana do Ipea, Diana Meirelles da Motta, atesta que Brasília contribuiu para uma melhor distribuição da população do interior do Brasil. "Isto pode ser demonstrado pela expansão e adensamento do sistema urbano formado pelo eixo Brasília-Goiânia, que tem favorecido a interiorização do processo de urbanização do País", exemplifica.

No entanto, lembra Diana, para que a região tenha um maior desenvolvimento, Brasília precisa assumir uma nova posição, pois a cidade tende a se consolidar, ao lado de Goiânia, como um importante núcleo de polarização do Brasil Central. "Essa nova orientação poderia consolidar esse eixo em um significativo centro de negócios relacionado à produção de grãos do Centro-Oeste e ao agribusiness em geral".

Diana sugere a instituição de consórcios intermunicipais, com a região do Entorno, para atender demandas específicas. "Este mecanismo e as parcerias entre os setores público e privado viabilizariam políticas, programas e projetos nas áreas de habitação, saneamento, transporte urbano e serviços", diz a coordenadora de política urbana do Ipea. Ela ressalta que estes consórcios - experiência já realizada no Paraná - minimizariam as pressões em relação aos serviços e equipamentos urbanos, melhorando a qualidade de vida no DF e Entorno. "Brasília nasceu de um projeto, mas é necessário estar atento a gestão do seu crescimento", observa Diana.